

M A R I N A P U P O

eu
ainda
estou
aqui

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2020



“ *você não ouve porque não quer,*
me disseram na terapia de regressão.
eu,
enquanto cética,
ouvia por um lado o que saía pelo outro.
ora,
bem,
veja,
como curar a surdez que me habita?, questiono
sarcástica.

e se me habita (e não enquanto hábito),
me prostro com a cabeça inclinada, orelha rente à
boca que me dirige a palavra.
em consequência, meus olhos miram lados, não
defronte.

se eu não vejo, também não ouço, atino.
é quando agora percebo meu corpo-pêndulo
desde então. meu corpo é pêndulo desde então.
costas e tronco curvados,
torcendo à direita, a observar o entorno, nunca
em()frente. opto por
alternar entre
olhar
e
ouvir.
findo em nenhum dos dois.
viro meu rosto ao que me dirige a palavra e me
constranjo ao me perceber perto demais.
ser surdo é estar nu.
e enquanto penso se ouço,
se olho ou
se me desnudo,
o que era para ser escutado já foi falado. eu
sorrio, consentindo o que foi (não) dito. ser surda

é responder àquilo que nem se sabe a pergunta.
ser surda seria, portanto, me calar (?)
se eu não ouvir, não serei ouvida?, apresentei a
retórica na sessão.
terminamos silêncio.

em suma, cerca de
treze anos
me foram gastos em terapia.
é um investimento, eu escutaria dos interessados
em minha vida.
treze anos
vezes
quatrocentos reais,
– em vista que essa é a média a ser cobrada pelos
profissionais,
eu investi cerca de
sessenta e dois mil reais
na minha saúde mental.

beiro a idade dos trinta e três e trago dívidas de
cinco mil reais

no banco.

é um investimento, eu escutaria dos interessados
em meus problemas.

confesso,

porém,

que também me verbalizei a sentença por muitas
vezes quando saía de alguma sessão com um quê
de desistência – por dor ou
pudor.

as consultas variavam de temática conforme o
tempo passava por mim. da adolescência rebelde
e a relação tão problemática quanto profética
com meus pais, tratei também, anos mais tarde, da
morte precoce de minha irmã.
acho que eu morri quando ela morreu.

gilberto gil diz, em uma de suas canções, que não
tem medo da morte, mas, sim, de
morrer.

eu acho que cheguei no ápice em que já não
receio por nenhum dos dois.

penso agora achar cômico
o processo de conceber o
fim

de um ciclo,
seja ele qual for, tenha ele lá sua importância.

as máscaras de:

negação

culpabilização

frustração.

uma série de sufixação que toma conta a cada
fase que se prostra no corpo,

na casa,

nas quatro paredes de um quarto ou três da sala.

em tempo e em detrimento de não dar sorte
aos pensamentos cada vez mais obscuros que fiz
crescer após esse emaranhado de fim de ciclos,
simpatizei com a psicologia junguiana. dois anos
de análise comportamental. diga-me como se
comporta que lhe direi quem é.

naquele cubículo, eu me sentava à cadeira

e

me

punha

quase

sempre

a

mexer

meticulosamente

nas

cutículas,

às vezes, fazendo sangrar

a

pele
ao
lado
da
unha.

hábito que trago comigo até o presente
momento, sendo alertada por vezes pela minha
psicóloga de que é hora de parar de me cutucar.
por que você se machuca? ela pergunta e eu, sem
jeito, ignoro uma resposta factível, paro o gesto e
carrego no corpo espasmos de quem quer e de
quem não quer se tocar.

então
me
ponho
a
morder
o
lado



LIVROS ILUMINAM

Este livro foi composto em Bembo Std pela
Editora Penalux e impresso em papel pólen
soft 80 g/m², em novembro de 2020.
